

Suzanne Jacob entre o lirismo de suas canções e uma narrativa autobiográfica: as personagens Anna e Flore dialogando com “Ana”, de Clarice Lispector

Ady Sá Teles Santana (UEFS/UNEB)¹

RESUMO: Este artigo é dedicado a analisar as personagens "Anna" e "Flora" de Suzanne Jacob, escritora do Quebec (Canadá) dialogando com a personagem "Anna" de Clarice Lispector, escritora brasileira, de tal modo observa-se as conexões entre a vida e a obra da escritora canadense. Neste sentido, faz-se um estudo da produção discográfica e literária de Suzanne Jacob, mais especificamente do seu romance "Flore Cocon" e do álbum "Une humaine ambulante", cujas personagens de Jacob fazem parte. Para tanto, investiga-se o perfil dessas personagens em relação a "Ana" do conto "Amor" de Clarice Lispector. Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é a comparação entre a vida e obra da escritora, através da análise das características de cada uma dessas representações que personificam Jacob. Estudando os relatos sobre a vida de Jacob e de como a obra simboliza a forma de viver dessa escrita, constata-se que há uma imbricação entre vida, narrativa e personagens. Assim, o conceito de identidade está presente nesta análise, utilizando as definições de "sujeito de Stuart Hall (2005). Os estudos de literatura comparada são de grande valor para essa análise, pois a literatura comparada é o principal elemento aqui analisado. Logo, constata-se que a arte literária e a música representam Suzanne Jacobe através de Anna e Flore, e Ana do conto "Amor" representa Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: Discografia; Literatura Comparada; Narrativa autobiográfica.

RÉSUMÉ: Cet article se consacre à analyser les personnages «Anna» et «Flore», Suzanne Jacob, auteur québécoise (Canada) en dialogant avec la personnage «Anna», Clarice Lispector, écrivain brésilienne, en observant les liaisons entre la vie et l'oeuvre de l'auteur canadienne. Ainsi on fait un étude de la production discographique et littéraire de Suzanne Jacob, plus especificiquement, leur roman «Flore Cocon» et l'album «Une humaine ambulante» dont les personnages de Jacob font partie. Pour ça, on analyse le profile de ces personnages par rapport à celle du conte «Ana». Le but principal de ce texte c'est la comparaison entre la vie et l'oeuvre de l'écrivain, en analysant leurs caractéristiques de chacun de ces personnages qui personnifiquent l'artiste. En étudiant la liaison entre la vie et comment l'oeuvre symbolise la façon de penser et de vivre de cet écrivain, on constate que tout est ensemble: vie, personnages et récits. Pour ça, le thème de l'identité fait partie de cet étude avec les concepts de sujets, Stuart Hall (2005). Les études de littérature comparée sont de grand valeur pour cet analyse, donc c'est la littérature comparée le principal élément vérifié ici. Ainsi, l'art littéraire et la musique représentent la biographie de Suzanne Jacobe à travers Anna et Flore, et Ana du conte "Amor" représente Clarice Lispector, est-ce que nous donne une certitude sur la liaison entre la vie et l'art d'une façon générale.

MOTS-CLÉS: Discographie; Littérature comparée; Narrative autobiographique.

¹ Mestre em Literatura e Diversidade Cultural, Professora Assistente da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: adystelessantana@yahoo.com.br

Romancista, poeta, compositora e intérprete, Suzanne Jacob nascida no Canadá em 1943 apresenta em suas criações, tanto musicais quanto literárias uma *performance* artística singular, desenvolvendo temas do seu cotidiano. Entre as décadas de 70 e 80 tais temáticas vão marcar o início de uma carreira bem sucedida em que os valores morais, sociais e religiosos eram questionados pela população jovem e até mesmo adulta do período inicial de suas produções.

Envolvida com as questões existenciais, sociais e políticas de sua época, a autora constrói uma identidade artística a qual transita entre o mundo aparente (concreto) e mundo das ideias (metafísico). E o que seria para Jacob esse mundo aparente? Através da leitura do seu primeiro romance *Flore Cocon*, publicado em 1978, obra que marca a sua introdução na literatura canadense, observa-se claramente a presença de uma escritora que narra a história de personagens femininas, as quais buscam fugir dos valores e tradições religiosos, das influências familiares, do conformismo social e político, da violência e das lutas de poder entre os indivíduos. Esse é o mundo aparente que Jacob descreve em suas produções, mas não apenas na literatura.

O segundo álbum de Suzanne Jacob *Une humaine ambulante*, lançado em 1980 revela uma identidade jacobiana já mostrada também na sua primeira produção discográfica cujo título traz o próprio nome da autora, (*Suzanne Jacob* 1979). Não há como negar a personalidade da escritora através dessas produções, pois o que se percebe claramente é a forte presença de um mundo feminino, insatisfeito com as condições impostas pela sociedade e até consigo mesmo cuja autoanálise revela tal insatisfação. Mulheres que se debruçam em seus anseios e angústias existenciais, que vislumbram um mundo diferente deste em que estão inseridas, um mundo metafísico.

Neste artigo, pretende-se analisar duas personagens existentes nas obras supracitadas de Jacob: “Anna”, cujo nome é título da letra de uma música do álbum *Une humaine ambulante*, e Flore, nome que também compõe o título do romance, *Flore Cocon*, essas serão as duas mulheres que aqui tomarão o corpo de Jacob, podendo-se verificar a tendência jacobiana de retratar a si mesma como sendo a forma de representar a mulher de seu tempo, em seu contexto sócio-cultural. Os temas sociais e existenciais vistos nestas duas produções são operadores de uma busca constante da liberdade e da feminilidade. Além disso, faz-se aqui uma análise comparatista entre a mulher representada por Jacob através das personagens supracitadas e “Ana” a

personagem do conto *Amor* da escritora brasileira Clarice Lispector com o intuito de mostrar a universalidade do discurso de Jacob no que tange a presença da mulher nessas representações artísticas que a autora faz.

Ao observar-se a narrativa de *Flore Cocon*, adentra-se em um mundo exaurido pela decadência dos valores tradicionais. Flore é uma personagem fruto de uma criação religiosa cristã, na qual a mulher tem seu papel já estabelecido pela sociedade machista. Vive em um mundo isolado, mas que a faz refletir sobre si mesma e a sociedade em que vive. Ao chegar em uma idade adulta, Flore vai em busca de sua liberdade tão desejada, mas que ao mesmo tempo a transporta para um universo angustiante e desesperador. Não mais conseguindo entender-se, Flore se depara em instantes de reflexão e dúvidas existenciais. Como definir uma identidade fragmentada pelas escolhas e obrigações? Será que de fato a liberdade tão desejada foi alcançada, ou as amarras da sociedade foram substituídas por outras que ela mesma escolheu?

É difícil para Flore chegar a uma conclusão e talvez ela não o faça. No sexto capítulo do romance, percebe-se claramente esta ideia, em que o narrador onisciente cede a voz à personagem para falar de suas aflições:

Combien de tonnes de cendres à ressasser, à retourner et à fouiller avant de retrouver le tison?

Flore agit. Elle dit: «Qu'est-ce qui est?»

Elle répond: «Mes économies».

J'ouvre le livret de mon compted'épargne. Un chiffre s'offre. Un chiffre est. Ce chiffre me représente. Je peux me voir et être vue par ce chiffre, m'échanger par lui contre n'importe quoi. Passez-moi le catalogue que je répertorie ce que je peux troquer contre moi même économisée depuis dix ans.

(*Flore Cocon*, 1978, p. 113).

Pode-se observar através desse trecho, que Flore já não sabe mais quem é. Sua vida se resume às suas economias, ou seja, ela é o que tem, o que construiu através do seu trabalho, do dinheiro que ganhou durante toda sua vida. E o que ela fez de si mesma? É isso que a representa? Será mesmo isso que satisfaz a Flore? É difícil saber.

No mundo de Flore os caminhos foram tortuosos. A tentativa de ser uma mulher diferente daquelas que a sociedade machista desenhava foi em alguns momentos bem sucedida, e em outros, difícil de dizer. O resultado de suas ações em alguns momentos parecia ter dado certo e em outros é como se ela estivesse repetindo a mesma história de

seus pais e de outras famílias que seguiam a risca os valores morais e os bons costumes. Não se sabe ao certo o que foi feito, quando se olha para trás e não se consegue ver claramente o que se construiu no percurso de uma vida de aflições e dúvidas. Em alguns momentos a certeza pairava sobre seu universo, mas em outros era tudo obscuro e duvidoso. Era como Flore se via. Insegura e insatisfeita, mas também satisfeita.

O paradoxo de sua vida era também as contradições que representavam a escritora Suzanne Jacob. Formada em um ambiente religioso cristão, onde os padrões e regras sociais eram fortemente seguidos, Jacob teve momentos em sua vida de incertezas e certezas. De anseios e desejos de enfrentar o mundo “lá fora”. De fazer tudo de forma diferente dos seus pais e família. Uma mulher questionadora e insatisfeita que traz na sua personalidade uma verdadeira escritora “avant la lettre”, mas inserida e concatenada com seu tempo.

Na produção discográfica, Suzanne Jacob também se coloca como protagonista dos enredos que cria. “Anna” letra de música e também personagem feminina se apresenta como uma mulher questionadora que reflete sobre si mesma, assim como sobre a sociedade em que vive. Entre o mundo moderno, dinâmico, representado pela tecnologia avançada e pela praticidade da vida urbana e o universo solitário do indivíduo reflexivo e exaurido pelo cotidiano fragmentado, a compositora se coloca em meio a esse caos citadino.

A vida moderna é repleta de satisfações transitórias, as quais se desintegram facilmente, no momento em que o ser humano olha dentro de si mesmo e vê o espelho de seu “eu” fatigado de tantos dissabores civilizatórios.

Nous avons la télé la musique stéreo/Nous transportons les cartes/Qui nous donnent Le crédit/Nous allons à la plage quand nous voulons l'été/.../On a tout Anna/Qu'est-ce que tu veux de plus/Quand on a en plus/ Une lune grosse comme ça/Au-dessus de Saint-Tite. (Anna, *Une humaine ambulante*, 1980).

E notória a mudança de estado presente em um momento de euforia e dinamicidade representado pelas ações cotidianas. Ações estas que são sinalizadas pela satisfação da vida urbana. O poder representado pelo ter: tevê, música stéreo, cartão de crédito, tudo que representa o SER através do TER. Fazer o que quiser e quando quiser, ir a praia quando quiser. Porém são ações momentâneas que logo são fragmentadas pela ausência de sentido individual. O que te falta, Anna se você tem tudo? O que mais é

preciso, quando se tem tudo? Esse é o desencantamento da vida moderna, na qual o sujeito se mostra fragmentado e dilacerado pela própria existência, vazia de significado ao se deparar em um universo onde a identidade do ser se perde na presença das coisas materiais. O que e como fazer para se encontrar em meio a tal caos existencial?

Já não se sabe mais se há liberdade para se fazer o que quer quando se estar preso a um mundo de consumismo exacerbado, de ausência de si mesmo, em que o outro dita quem você é pelo que você tem e quando se busca ter cada vez mais para se autoafirmar como essência vital. A mulher se desintegra em um universo paralelo que a faz pensar e se questionar. Essa é Anna. Ela é também Flore que juntas e somadas formam Suzanne Jacob, mulher questionadora, insatisfeita, que nega esses valores, mas que também, usufrui disso tudo.

É interessante notar que tanto na música quanto na narrativa, Jacob desenha uma personagem oscilante que não se deixa vencer pelos preceitos morais, mas que sabe como tais preceitos estão presentes em seu cotidiano. Tanto na música quanto no romance o enredo se estabelece através de um lirismo encantador, no qual a feminilidade transfigura a existência humana. A harmonia desse lirismo está presente na forma e no conteúdo. No primeiro caso, as repetições de palavras e expressões que sinalizam e enfatizam as sensações, reflexões e atitudes de Anna e de Flore: “*On a tout Anna/qu’est-ce que tu veux de plus*”. Esse refrão é repetido várias vezes, compondo um ritmo e uma harmonia que se deslocam através da mudança de estado na música.

O ritmo acelerado inicial que representa uma variante musical mais dançante e moderna é substituído por uma cadência lírica representativa do estilo clássico, em que fica perceptível a desaceleração da estrutura musical, assim como do estado d’alma da personagem que passa, nesse momento a refletir sobre si mesma. Também na narrativa, Flore é deslocada através de ritmos que atingem o limite musical das ações: “*Laisser dormir, faire profiter, faire fructifier, faire couvrir Le magot de ma sueur par des commis petit-fils de cultivateur. [...]*”. É possível seguir o ritmo das ações de forma gradativa e sequencial, através das repetições dos verbos que indicam atitudes contínuas e ao mesmo tempo acompanhar a cadência da musicalidade narrativa, na perspectiva de um encantar-se e encantar a vida com atitudes voluntárias.

No segundo caso, o conteúdo se estabelece também através da forma, quando nas expressões já citadas, verifica-se a coexistência de dois mundos. Um mundo que se

reflete através do caos desesperador, e um outro, de autoanálise, de reflexão sobre o “eu” cujas expectativas são diversas e confusas diante de uma instabilidade cotidiana. Essa instabilidade representa a autora em seus momentos de reflexão sobre si mesma e seu mundo contemporâneo.

A mulher contemporânea é reflexo dessa instabilidade representada nas músicas de Jacob entre as décadas de 70 e 80. Sendo assim vê-se a atualidade do pensamento da autora e compositora que se instaura na relatividade do sujeito “pós-moderno”, o qual, segundo Stuart Hall (2005) é fragmentado e deslocado por suas oscilações identitárias o que o difere do sujeito cartesiano (ver Hall 2005). As incertezas que deixam o sujeito angustiado e aflito contaminam seu(s) EU(S) a ponto de se propagarem em realidades que se encontram submersas nas intimidades dessas mulheres que muitas vezes se sentem vulneráveis diante de um mundo caótico e desregrado pela futilidade dos prazeres do mundo machista.

A autenticidade da alma feminina não se reconhece por si só, mas através de um elo volátil que se reinstaura a cada instante na vida de cada uma. Não é permitido à mulher se deixar fragilizar diante dessas incertezas, daí o perigo iminente de não poder ser quem realmente é, ou mesmo mostrar-se como se é verdadeiramente. As dúvidas são intensas, o legado deixado por suas antecessoras é cada vez maior e a insignificância do EU se desintegra diante das necessidades da vida cotidiana. As cobranças são cada vez maiores e à mulher resta apenas se adaptar e tentar não se deixar abater.

Todas essas possibilidades de representação da alma feminina resultam de uma constante análise introspectiva que a mulher intelectualizada, apesar dos diversos papéis que se vê “obrigada a atuar”, consegue expressar através da arte, seja ela literária, musical, e mesmo em outras formas artísticas diversas. No que se refere a Jacob, as formas escolhidas se imbricam e coadunam um mesmo fluxo de análise, tanto no romance em questão quanto em sua discografia, vê-se nitidamente uma busca constante para traçar um perfil feminino, ou perfis de mulheres que dialogam entre si e que se complementam na sua falta.

Anna e Flore não representam apenas Jacob, mas também simbolizam as mulheres em sua plenitude e conquistas na modernidade. A mulher e o espaço que ocupa hoje e que antes apenas o homem poderia ocupar. Aquela que não é mais fruto de uma criação tradicional e limitada em que as obrigações de filha, esposa e mãe são sinônimos

da palavra MULHER. É essa simbologia que se instaura na percepção desse Ser mulher, tão inconstante e dilacerado. O que focaliza suas diversas possibilidades existenciais. Mas ainda assim, tenta-se encontrar-se consigo mesma.

Clarice Lispector em seu conto “Amor” traz a tona uma reflexão sobre si mesma, mas também dessa mulher que Jacob desenha em suas artes. É interessante notar que a personagem principal do conto chama-se “Ana”, uma mulher dedicada ao marido e à vida familiar, mas que em um momento de lucidez ou insensatez começa a si questionar, num espaço que se encontra fora do seu mundo cotidiano de mãe e esposa. Ao sair de casa, em um determinado instante, Ana começa a perceber o quanto sua vida perde o significado ao se encontrar diante de um mundo vazio, ou seja, sua identidade foi construída a partir de uma possibilidade e necessidade alheia e nesse instante vem o questionamento: o que de fato sou se não sou esposa nem mãe? Isso intriga Ana e a desespera a ponto de ela desejar intensamente chegar em casa e sentir-se protegida.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera. (Lispector, conto “Amor”. In *Laços de família*, 1998).

É como se as paredes de sua casa fossem uma armadura, ou mesmo uma máscara. Um disfarce para encobrir um eu que se esconde por não querer ver-se no espelho da vida. Ana sabe que aquela não é a vida que a satisfaz, mas não quer ver, não quer se permitir viver um momento de reflexão que a torture e a deixe só consigo mesma, lembrar de uma juventude de felicidade naquele momento não era nada bom: “[...] também sem a felicidade se vivia [...]”. Estar sozinha significa enfrentar os medos e as incertezas. E ela não quer isso, prefere voltar para seu mundo de esposa, dona de casa e mãe, pois causa conforto. Enquanto que a reflexão sobre si mesma e a sua juventude

desestabiliza um mundo “arrumado”, organizado. No entanto, a mulher se permite refletir em um milésimo de segundo em toda sua vida.

Ana prefere ficar sufocada que se mostrar como realmente é. O medo da represália, do olhar julgador, da instabilidade causada por uma mudança radical em sua vida que provavelmente causará mudança e transtorno na vida de outros (seu marido, seus filhos). Isso tudo e mais a sua insegurança e medo de perder-se em si mesma, de não mais encontrar aquela pessoa que ela conhece tão bem: ANA, filha, esposa, mãe, dona de casa. O que será dela se essa mulher se perder? Como encontrar sua verdadeira essência sem se ver diante dessa vida que sempre quis? Onde estaria o EU de Ana sem ANA? Lispector veste a roupa de sua personagem para falar de si mesma e muitas outras mulheres que se anulam por uma vida onde o sentido se encontra alheio ao seu universo interior, mas mesmo assim a tentativa de se mostrar surge e ela agarra com todas as forças e desejo de gritar, um grito dilacerador que poderá ecoar na alma feminina fatigada de tanta incompreensão.

São muitas as mulheres representadas por Lispector e Jacob, inúmeras delas encontram na voz dessas autoras o “conforto” e a possibilidade de se ver em si mesmas. Um contraste na auto-essência que se afoga nas máscaras que cobrem o verdadeiro rosto de cada uma delas é o momento de elucubração que torna a vida menos complicada e mais acessível. É nesse instante que a arte surge como modo de expressão do íntimo feminino. O canto de Jacob finaliza a intensidade desse desejo de ser MULHER acima de qualquer outra coisa e de qualquer preceito. A fuga da realidade no momento do mergulho no inconsciente torna-a mais viva e eloquente. Palavras de desassossego que proporcionam alívio e dor ao mesmo tempo: dor por estar longe do “mundo real” e supostamente acolhedor e alívio por ter a liberdade de se mostrar como se é, sem medo ou fratura no SER EU.

Essas mulheres instáveis e sensitivas são muito bem representadas nessas obras, talvez, possa-se mesmo afirmar que são elas porta-vozes de muitas mulheres que se encontram em situação idêntica, mas que não conseguem se afirmar por motivos diversos, tais quais já foram sinalizados aqui. Os receios são frutos dessa formação instável em que as identidades se constroem mutuamente em um mesmo ser feminino. A mulher que precisa trabalhar fora para sustentar os filhos, mas que também precisa ser

mãe, ser mulher, amante dedicada, ser bem sucedida para se auto afirmar como mulher, como alma feminina.

Razões diversas existem para que mulheres como Lispector e Jacob expressem seus sentimentos através da arte, seja ela literária ou musical, o lirismo está presente na forma e no conteúdo, em que se pode observar a grandeza e desenvoltura de uma alma feminina que se mistura a um mundo machista, mas que não perde a sua singularidade. O lirismo das canções de Jacob ecoam nesse universo entrelaçado e ao mesmo tempo distanciado do Eu autor e do Eu personagem em que a autora revigora sua existência através dessas facetas que se expressam em Anna e Flore. Mulheres que se desnudam para mostrar o seu SER mais íntimo, frágeis e fortes diante de uma realidade corruptível a qual o ente agonizante que há dentro de si busca se desvincular do outro, agressor e agressivo.

A complexidade da obra de Jacob não deve ser limitada a uma única leitura. Aqui, deixa-se uma das muitas possibilidades, considerando que a autora mostra-se versátil em suas produções e estilos diversos. Não se fez uma análise do ponto de vista discográfico ou literário no sentido mais abrangente, mas sim no que se refere aos aspectos que coabitam a música e a narrativa dessa também intérprete e poeta tão singular que é Suzanne Jacob, aqui representada por Anna e Flore e que dialoga com outras tantas mulheres intelectuais, como o exemplo de Lispector em Ana. O bojo dessa análise é referendado pelo aspecto identitário, cujo limite encontra-se na fragmentação do sujeito pós-moderno, se apropriando das palavras de Hall. Um sujeito dilacerado pela constante busca de uma referência ideal e idealizada. Essas mulheres que aqui representam as escritoras são além de tudo essa fragmentação que as identifica como seres humanos que são e se constroem paulatinamente.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Mimésis**. Collection: Tel, Gallimard, 1946.

BERND, Zilá. **Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade**. In.Revista Abralic: Literatura Comparada,volume 23 - São Paulo, 2013 - ISSN 0103-6963.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Ed. 10, Rio de Janeiro DP&A, 2005.

JACOB, Suzanne. **Flore Cocon**. Québec: Canadá, Parti pris, 1978.

LISPECTOR, Clarice. conto "Amor". In **Laços de família**. São Paulo, Rocco, 1998.

SANTOS CUNHA, João Manuel dos. **Da literatura ao cinema, traduzindo sobre restos de linguagens**. In. Revista Abralic de Literatura Comparada, volume 23 - São Paulo, 2013 - ISSN 0103-6963.

Discografia:

JACOB, Suzanne. **Une humaine ambulante** (record, 1980).

JACOB, Suzanne. Suzanne Jacob (record, 1979).